

A EDUCAÇÃO FÍSICA E UM COTIDIANO ESCOLAR: DESAFIOS E REINVENÇÕES EM TEMPOS PANDÊMICOS

Physical educations and a school life: challenges and reinventions in pandemic times

Cintia de Assis Ricardo da Silva

Colégio Pedro II (Campus Realengo I)¹

Luciana Antunes Bilitário

Colégio Pedro II (Campus Realengo I)²

Francisco Dionleno Rodrigues Holanda

Colégio Pedro II (Campus Humaitá I)³

Resumo: O presente texto é um breve relato de experiências de três docentes do Colégio Pedro II, do *Campus Realengo I*, na cidade do Rio de Janeiro, referente ao ano letivo de 2020/2021. As experiências foram realizadas com turmas dos anos iniciais do ensino fundamental (primeiro ao quinto ano) e trazem pistas acerca do trabalho docente atravessado pelo momento histórico em que uma pandemia, por Covid-19, assola a população mundial. O texto se apresenta a partir de narrativas que fazem tecituras com noções de infâncias, experiências lúdicas, escuta, relações dialógicas e reinvenções docentes para uma Educação Física em tempos remotos, em que o distanciamento social seguro impede a presença no chão da escola, convocando-nos a atividades síncronas e assíncronas com crianças. Traz desdobramentos do projeto “Corpo: memórias, história e movimentos”, a partir das memórias e das narrativas orais, escritas e imagéticas trazidas pelas crianças e problematizadas pelos temas da cultura corporal.

Palavras-chave: Educação Física Escolar; Cotidiano escolar; Democracia; Infâncias; Corporeidades.

Abstract: This text is a brief account of the experiences of three teachers at Colégio Pedro II, at *Campus Realengo I*, in the city of Rio de Janeiro, in the academic year 2020/2021. The experiments were carried out with classes from the early years of elementary school (first to fifth grade) and bring clues about the teaching work crossed by the historical moment in which a pandemic caused by Covid-19 devastates the world population. The text is presented from narratives that weave with notions of childhood, playful experiences, listening, dialogical relationships and teacher reinventions for a Physical Education in remote times, in which safe social distancing prevents the presence on the school floor, summoning us to synchronous and asynchronous activities with children. It brings developments from the project

¹ cintia03assis@yahoo.com.br; Docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) - 40 horas/DE.

² lucianabilitario@gmail.com; Docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) - 40 horas/DE.

³ dion_msl@hotmail.com; Docente do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) - 40 horas/DE.



SILVA, Cíntia Assis Ricardo da; BILITÁRIO, Luciana Antunes; HOLANDA, Francisco Dionleno Rodrigues.

Body: memories, history and movements, based on memories and oral, written and imagetic narratives brought by children and problematized by themes of body culture.

Keywords: School Physical Education; School daily life; Democracy; Childhoods; Bodies.

EDUCAÇÃO NA PANDEMIA: QUAL O LUGAR DA EDUCAÇÃO FÍSICA NAS ATIVIDADES REMOTAS?

“Ser capaz de recomeçar sempre, de fazer, de reconstruir, de não se entregar, de recusar burocratizar-se mentalmente, de entender e de viver a vida como processo, como vir a ser...”

(Paulo Freire)

Nosso relato é a materialização escrita de alguns recortes do trabalho de uma equipe pedagógica composta por três professores/as de Educação Física que atuam no Colégio Pedro II, *Campus* Realengo I, localizado no bairro Realengo, na cidade do Rio de Janeiro. Esse *Campus* é composto por estudantes dos Anos Iniciais (do primeiro ao quinto ano), e estava com atividades remotas motivadas pela necessidade de distanciamento social seguro, por conta da pandemia por Covid-19, provocada pelo Coronavírus.

Nosso trabalho docente aconteceu no ano letivo de 2020/2021 e nos exigiu muitas reflexões sobre os desafios e possibilidades de fazer aulas de Educação Física com crianças de modo remoto. Foi fundamental o apoio do Departamento de Educação Física (DEF) do Colégio Pedro II, que nos assegurou a possibilidade de criação e autonomia para o encaminhamento dos projetos e das atividades, a partilha de saberes com outros Campi, e também o fortalecimento da equipe enquanto coletivo. Nesse sentido, foi possível parar, refletir e ver atentamente o que tínhamos em mãos e dialogar com as crianças e suas múltiplas corporeidades. Pensar as corporeidades nas aulas síncronas implicou atentarmos para a necessidade de nos percebermos como sujeitos de direito, com vozes. Percebemos a importância de ampliar as relações baseadas na alteridade, considerando que

Não há educação fora da relação entre o eu e o outro. E tal como em Bakhtin, desta relação com a alteridade nenhum dos dois sai inalterado, ninguém sai como entrou. Se no mundo da vida não saímos de um diálogo sem com ele nos enriquecermos, também nos processos educativos professor e aluno saem diferentes, porque nessa relação ambos aprendem. (GERALDI, 2013, p. 13)

Estar em distanciamento social seguro nos mobilizou para considerarmos os encontros remotos, assíncronos, como *espaços/tempos* de criação, em que a pergunta era um dos principais movimentos que dava o tom das aulas. Vale lembrar que o teor desses encontros dependeu de nossa abertura para o mundo e para o outro, pois

[...] a educação é, necessariamente, um empreendimento coletivo. Para educar – e para ser educado – é necessário que haja ao menos duas singularidades em contato. Educação é o encontro de singularidades. Se quisermos falar espinosamente, há os bons encontros, que aumentam minha potência de pensar e agir – o que o filósofo chama de alegria – e há os maus encontros, que diminuem minha potência de pensar e agir – o que ele chama de tristeza. A educação pode promover encontros alegres e encontros tristes, mas sempre encontros. (GALLO, 2008, p. 1)

Ao refletirmos acerca da Educação, e especificamente da Educação Física, nesse momento histórico no qual estamos realizando ações pedagógicas remotas, nos demos conta da necessidade de afirmarmos princípios e nos debruçarmos sobre novos desafios e possibilidades de um trabalho docente que defende os bons encontros, como aqueles que promovem a expansão da vida, que são pautados na alegria, na ludicidade e na ampliação do mundo possível.

É importante ressaltar que a equipe de Educação Física do *Campus* vivenciou o ano letivo de 2021, a partir do diálogo com as crianças, com o Projeto Político Pedagógico Institucional (PPPI) do Colégio Pedro II (BRASIL, 2017/2020) e com o projeto do *Campus*. Nosso projeto “Corpo: memórias, histórias e movimentos” tem em seus princípios a democracia, a cultura corporal, o currículo cultural, as múltiplas corporeidades e o olhar nos/dos/com os cotidianos. Assim, as ações e escolhas perpassam pela perspectiva dialógica e lúdica, constituindo-se em *espaços/tempos* de aprendizagem e ensino a cada encontro.

Caminhando por essas trilhas, nosso texto traz algumas pistas e relatos que materializam o trabalho realizado no Colégio Pedro II, *Campus* Realengo I, com turmas do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental. Optamos por organizar os relatos em três grupos, de forma que as experiências sejam contextualizadas. O primeiro grupo trata de vivências com turmas do primeiro e segundo ano, o segundo



SILVA, Cíntia Assis Ricardo da; BILITÁRIO, Luciana Antunes; HOLANDA, Francisco Dionleno Rodrigues.

grupo refere-se às turmas de terceiro ano e o último traz relatos de turmas de quarto e quinto anos.

PRIMEIRO E SEGUNDO ANOS: GRANDES DESAFIOS E POSSIBILIDADES PARA OS PEQUENOS

“Pane no sistema.

Alguém me desconfigurou”

(Pitty)

Pensar a escola, a Educação Física, as práticas corporais, sem a presença física de alunos, tem sido um grande desafio nesse momento pandêmico. Como dar voz e vez e trabalhar de maneira dialógica com pequenos de forma remota? A princípio, a experiência pareceu angustiante. Fazendo uma analogia com a canção da cantora Pitty, a pandemia nos trouxe uma sensação de desconfiguramento. Como validar as experiências, as diferenças, o ouvir, os afetos, as sensações, em meio ao território tecnológico, tão desconhecido para o professor atuante da disciplina de Educação Física, quanto para os alunos, que vivenciavam a prática, até então, de forma muito mais corporal?

Dessa maneira, foi necessária uma utilização da partilha de saberes. Sentar, refletir, trocar ideias de como fazer valer “o ouvir” dos alunos nas práticas, e como ressignificar esses movimentos corporais, de forma que ações e vivências do cotidiano das crianças participassem do planejamento, de possibilidades que saíam e entrariam nas casas desses/as alunos/as e que dariam sentido, dentro das vivências da cultura corporal. As aulas, naquele momento, estavam sendo praticadas coletivamente, através de um sinal de *internet*, porém ocorreriam de forma solitária, já que cada um estaria em sua residência pelo distanciamento social necessário.

Bell Hooks, (2019, p.45) fala do “clamor pelo reconhecimento da diversidade cultural, por repensar os modos de conhecimento e pela desconstrução das antigas epistemologias”. E exatamente, pela inquietação de atender à diversidade, a tantos

modos, percepções, carências e potências que nos pareceram um desafio gigante. O rompimento com teorias que preconizam a carência cultural já nos era vivida através do próprio PPPI institucional e da nossa construção de projeto da disciplina em Realengo I. Estávamos ali para repensar novos modos de conhecimento: desconstruir, reconstruir e construir nossas práticas, sem excluir.

Partindo, assim, de um planejamento coletivo, dentro da equipe, elencamos saberes/práticas possíveis de se trabalhar a distância, que contemplassem atividades significativas dentro desse contexto. Dessa maneira, uma das preocupações era expressa em um trecho do nosso planejamento, que dizia: “o diálogo deve fazer parte das aulas, como estratégia metodológica que possibilita a ampliação da participação de todos e todas no processo de vivenciar propostas inclusivas, lúdicas e ricas de sentidos e democráticas” (Projeto de Educação Física CPII - Realengo I⁴, 2021, p. 3). Ainda assim, no mesmo documento, sobre a construção desse planejamento, é importante lembrar que:

Destacamos os objetivos, temas e possibilidades que consideramos importantes e possíveis para o desenvolvimento do trabalho de modo remoto. Buscaremos realizar com as turmas o mapeamento da cultura corporal através das sugestões de atividades e pesquisas, o que possibilitará agregar sentido e tornar o currículo, praticado remotamente, vivo para os discentes e docentes que fazem parte do cotidiano escolar, e que neste momento estão em suas residências. (Projeto de Educação Física CPII- Realengo I, 2021, p. 1)

Dentro desse contexto, ainda tínhamos a preocupação de que esse planejamento valorizasse as questões interdisciplinares dando força aos projetos existentes nos contextos escolares. Entendemos que as disciplinas podem interagir trazendo múltiplas experiências sobre os conteúdos apresentados. E na partilha desses saberes, construímos diálogos com propostas do núcleo comum, música, literatura, informática e artes, e dentro do primeiro e segundo ano de ensino, trabalhamos também com os temas da casa, da moradia, da família, das emoções, dentre outros que foram surgindo, e que faziam parte dos relatos coletados nas conversas produzidas nas aulas síncronas.

⁴ Esse projeto é parte do Plano de Ensino de 2020/2021, e trata-se de um documento interno, elaborado pela equipe de Educação Física do Campus Realengo I.



O cuidado com o corpo

*“Meu corpo tem cinquenta braços
E ninguém vê porque só usa dois olhos
Meu corpo é um grande grito
E ninguém ouve porque não dá ouvidos”*

(Paulinho Moska)

A partir dos contatos estabelecidos, nas aulas síncronas, pudemos também construir nossos diálogos e as percepções das questões/desejos que cercavam as aulas de Educação Física. Através do projeto de Educação Física, “Corpo: memórias, histórias e movimentos”, começamos a dialogar sobre a percepção do corpo, dos sentimentos, das sensações e de como eles estavam vendo esse corpo no mundo. Não foi raro perceber a grande preocupação que as crianças demonstravam a respeito do Coronavírus, causador da COVID-19, a fragilidade que apresentavam com relação ao triste momento pandêmico, e ao mesmo tempo o quanto sabiam dos cuidados necessários para a proteção.

Rancière (2017), fala-nos dos modos de ensinar, comentando que existe a via rápida, dentro da lógica explicativa, e a via da liberdade, a qual possibilita a construção do conhecimento pelo aluno. Os diálogos nos levavam à tentativa de buscar a via da liberdade, principalmente por entender que aqueles corpos já estavam tão aprisionados em seus espaços, sem possibilidade de contato com grupos. Fizemos tentativas de promover práticas direcionadas para que as crianças pudessem ter pertencimento, como autoras e construtoras das suas práticas.

O ouvir, naquele momento, foi o ponto de partida para construir práticas mais democráticas. Buscamos mais uma vez a fala de Rancière (2017, p.142) quando diz que: “[...] sempre se aprende, ao escutar o homem falar. Um professor não é, nem mais, nem *menos* inteligente do que qualquer outro homem; ele geralmente fornece uma grande quantidade de *fatos* a observação daqueles que a procuram”. Compreendemos que, em nosso trabalho, o objetivo maior seria a troca de saberes, a partilha de vivências e, se possível, a troca de afetos, tão importante nesse momento de exceção.

Assim, através de conversas sobre a saúde e a casa/família, percebemos também o desejo que eles tinham de mostrar seus animais de estimação, e daí surgiram alguns movimentos, imitando os animais, os de casa e outros que surgiram deles. Aos poucos transformamos esses movimentos em alongamento dos bichos, momento em que cada um mostrava na tela como era o movimento, e todos os outros imitavam.

Essa atividade fez reviver uma outra guardada na memória, de que brincávamos na escola, o “caminho do jacaré”. Uma aluna trouxe a lembrança da brincadeira, e os outros sugeriram que podíamos brincar à distância.

O “caminho do jacaré” consistia em fazer um percurso na escola, por cima dos bancos, por muretas, nas grades, por cima de linhas. A criança condutora do dia guiava o caminho, e todos tentavam imitar/equilibrar/abaixar/subir/descer, dentre outros. Ao final dançávamos e cantávamos uma música de Zé Zuca, Jacaré na Lagoa.

Estávamos, porém, em aulas online, e entender que o espaço/casa/local de cada um era bem diferenciado e que não tínhamos a garantia de segurança para cada criança, foi necessário naquele momento. Fizemos então uma conversa sobre o assunto, e as soluções foram aparecendo. Combinamos que então não faríamos o caminho, mas poderíamos dançar, criar movimentos com a música, em determinado momento. Já na prática dessa atividade, uma criança sugeriu que tivéssemos velocidades, "estava muito lento!". Então, reconstruímos a forma de cantar a música dando velocidades (diferentes compassos musicais): 1, 2, 3 e assim por diante.

É interessante observar a subjetividade das construções a partir das experiências. No caso das velocidades, mesmo tendo numerações, cada um fazia o seu "tempo veloz". Às vezes, para determinada criança, a velocidade 1 parecia se apresentar bem devagar, noutra, a velocidade 1 já iniciava em um ritmo mais intenso. Perceber esse tempo individual, porém, não único, traz-nos excelentes construções subjetivas. Para Kohan (2004), as crianças possuem seu próprio tempo cronológico, e é preciso respeitar esse tempo como vida vivida, como experiência, como saberes intensos.



SILVA, Cíntia Assis Ricardo da; BILITÁRIO, Luciana Antunes; HOLANDA, Francisco Dionleno Rodrigues.

Para além do tempo de aula, 40 minutos de aula síncrona, o que importava aos alunos era brincar, criar com a brincadeira, recriar. A capacidade de querer experimentar outras formas estava sempre sendo ativada.

A construção do corpo e a fala das emoções

As atividades de alongamento dos bichos e de dança com o "Jacaré" trouxeram diálogos sobre os tipos de corpo, partes do corpo, cuidados com o corpo e sensações/sentimentos produzidos por esse corpo. Partindo dessa experiência, outra atividade que fazíamos na quadra era o desenho da silhueta do amigo, na qual uma criança se deitava no chão e a outra, com giz de quadro, contornava o corpo do amigo. Então, propomos construir bonecos, que retratassem o corpo humano, com qualquer papel que tivessem em casa. A construção foi feita em etapas, recortando o papel em quatro partes: a primeira seria a cabeça, a segunda o tronco, a terceira dobrada ao meio eram os braços e a quarta as pernas. Cada um produziu o seu boneco e tirou uma foto, adicionando sua imagem em um painel interativo chamado *Padlet*.

Figuras 1 e 2: Bonecos construídos pelas crianças do 1º ano



Fonte: Arquivo pessoal

Alguns alunos deram nomes aos bonecos, e ao conhecermos a plataforma *Padlet*⁵, descobrimos que poderíamos ter uma interação com os alunos. Então,

⁵ Padlet é uma ferramenta usada para confecção de murais virtuais. Pode ser usada de modo assíncrono e colaborativo, além de ficar armazenada e disponível na Web, para a turma visualizar.

Temas em Educação Física Escolar, Rio de Janeiro, v. 6, n. 3, ago./dez. 2021, p. 01 - 23.

Recebido em: 24/09/2021

Publicado em: 03/12/2021

surgiu a ideia, através do boneco, de os alunos expressarem algumas emoções via painel. A cada semana lançávamos uma pergunta no *Padlet* para que eles completassem no mural. As perguntas iam surgindo através das aulas síncronas, sobre as conversas e situações ocorridas em aula, como: qual o nome do boneco? Quantos anos ele tem? De que ele gosta de brincar? O que deixa ele feliz? O que deixa ele triste? Entre outras.

A rádio da turma

*“If you get to hear me now
I know you'll get stronger
When you get older, oh
Just don't shrug your shoulders
When you get older, oh”*

(Alok)

Havia uma rotina de recepção nas aulas, entrávamos 10 minutos antes na plataforma *Meet*, colocávamos músicas para eles ouvirem e algumas rotinas começavam como: colocar o nome no chat, ajustar câmera, cadeira, água para beber, espaço para brincar, ou algum material proposto, até dar o início da aula. Com a atividade do boneco e das perguntas, os alunos mostraram-se curiosos sobre o boneco do outro, às vezes colocavam recados no mural e em outras, nesse tempo inicial, perguntavam aos colegas sobre os bonecos. Essa foi uma grande partida para perguntarmos também sobre eles.

Outro fato também que despertou essa próxima atividade, chamada de Rádio da Turma, era que, ao tocarmos as músicas, eles começaram a fazer pedidos de músicas que eles queriam ouvir. Essa atividade acabou ganhando um espaço na aula. Criamos a rádio, momento no qual fingíamos ligar para a casa de um aluno, colocávamos o som de um telefone, e chamávamos o nome do aluno. Imediatamente, ao ouvir seu nome, a criança respondia com um "alô", fingindo ter um telefone também. A partir desse instante, convidávamos outro aluno a fazer uma pergunta para o entrevistado da rádio, e assim, sucessivamente, íamos ouvindo histórias, desejos, afetos e, sobretudo, vozes. Ao final era pedido que o aluno



escolhesse uma música para tocar na rádio e todos dançavam com a música tocando.

Essa atividade nos aproximou do gosto musical dos alunos, da diversidade de sentidos que eles desenvolviam pelas músicas e também do respeito por essa diversidade. O olhar sobre o cotidiano e as construções que emergem dele nos mostram o quanto ensinamos e aprendemos através das relações.

Acima, citamos uma música muito famosa do Dj Alok, “Hear me now”, e que foi pedida por um aluno de primeiro ano. Ao pedir a música e enquanto procurávamos a música no celular, pedimos que o aluno dedicasse a música a alguém. O aluno dedicou a música para a mãe e disse que “estava dedicando porque a música o emocionava e que era para sua mãe sempre ficar forte”. Entender a riqueza de como os diálogos nos aproximam dos múltiplos saberes, e perceber uma criança de sete anos trazendo uma música internacional, carregada de sentidos e simbolismos, fez-nos sentir, pensar em emoções e refletir sobre o momento atual e por quantos outros momentos pessoais cada indivíduo vem passando.

A partir da fala desse aluno, o sentido/objetivo das ações educativas se manifestaram nos afetos. Para Paulo Freire (2013, p. 44), “Este saber, o da importância desses gestos que se multiplicam diariamente nas tramas do espaço escolar, é algo sobre o que teríamos que refletir seriamente”. Aborda também a importância das ações, das palavras e dos olhares, da importância do valor dos sentimentos. Freire evoca a simplicidade e atenção a pequenas coisas, propondo que se observe nelas a capacidade de serem “força formadora” no processo escolar.

Produção de brinquedos e brincadeiras e a alfabetização

As relações dialógicas traziam a todo tempo construções reais de espaços brincantes. Considerando as turmas de primeiro e segundo ano como turmas em processo de alfabetização, e a partir das tantas brincadeiras que revivemos nas conversas, fizemos uma lista de brincadeiras citadas pelos alunos. Partindo dessa lista, arrumamos as brincadeiras em ordem alfabética e construímos um bingo das brincadeiras. Como não tínhamos o recurso ideal de pedir que as crianças

desenhassem para essa produção, criamos avatares dos/as três professores/as em ações que representassem a brincadeira escolhida.

A cada aula síncrona, o bingo era apresentado na tela do Meet, e em casa, as crianças pegavam um papel dividindo-o em quatro partes. Em cada parte, escolhiam uma brincadeira e colocavam a primeira letra e/ou nome, ou ainda o desenho. Após todos construírem suas cartelas, começávamos o sorteio.

Abaixo a lista de brincadeiras e as cartelas de bingo que utilizávamos nas aulas:

Figuras 3 e 4: Listas de brincadeiras relatadas pelas crianças



Fonte: Arquivo pessoal

Figuras 5 e 6: Cartela do bingo com avatares dos/as professores



Fonte: Arquivo pessoal

Outras construções de brinquedo também foram trabalhadas. Partindo de materiais possíveis em casa, produzimos bola de papel/meia, aviões de papel, bilboquê utilizando garrafa pet, paraquedas, corda de sacola plástica, dentre outros.



A avaliação

Avaliar é [...] “uma ação ampla que abrange o cotidiano do fazer pedagógico e cuja energia faz pulsar o planejamento, a proposta pedagógica e a relação entre todos os elementos da ação educativa. Basta pensar que avaliar é agir com base na compreensão do outro, para se entender que ela nutre de forma vigorosa todo o trabalho educativo.”

(Hoffmann,2008, p. 17)

Após as dinâmicas das atividades, a equipe se reuniu para pensar a avaliação. Entendendo o processo avaliativo de forma ampla, tínhamos conceitos relacionados com a autoavaliação, a avaliação do processo, a avaliação das aulas, a avaliação da disciplina/professor/atividades. Aproximamo-nos de alguns textos que pudessem dar pistas das nossas construções, e, aos poucos, delimitamos estratégias que nos levariam a pensar em uma avaliação democrática, justa e construtora de conhecimentos.

Para o primeiro e segundo ano, foi construído na plataforma *Padlet* um painel, um mural virtual no qual as crianças poderiam expressar suas experiências no período. Através de um vídeo, elas puderam falar um pouco das aulas, de suas percepções, de seus sentidos/sentimentos e comentar sobre as atividades na plataforma Moodle.

Foi riquíssima a experiência de os alunos gravarem vídeos falando do que eles gostaram nas aulas, lembrando momentos e também apresentando materiais que eles tinham produzido no período. O diálogo presente em todas as aulas estava presente nas expressões, caracterizando a interação dos sujeitos com o espaço de aula. Os objetivos propostos inicialmente puderam mostrar uma abrangência ao cotidiano e a percepção da possível relação entre os elementos da ação educativa.

UM BREVE RELATO SOBRE O TERCEIRO ANO: ENTRE VOZES E MOVIMENTOS

Como já explicitado, o período pandêmico fez com que os/as professores/as precisassem se reinventar de diferentes maneiras. Muitas foram as dificuldades

enfrentadas pela equipe pedagógica, alunos e famílias, sobretudo em relação ao acesso às novas tecnologias. A utilização de aparelhos eletrônicos para os encontros síncronos, sites de jogos, plataforma, vídeos e outras ferramentas foram apenas um dos obstáculos enfrentados nesse período.

A pandemia e o modelo de ensino remoto evidenciaram outras questões sociais, como a falta de equipamentos, acesso à internet, espaço físico para acompanhar as aulas e ausência familiar no suporte às crianças. As dificuldades foram enfrentadas e o trabalho foi realizado dentro das possibilidades, considerando as falas, o momento da turma e suas especificidades.

Entendendo o momento e as dificuldades que enfrentaríamos, buscamos realizar um planejamento que considerasse as experiências anteriores das crianças e que dialogasse com o PPPI do Colégio Pedro II, valorizando as diferentes culturas presentes naquele espaço. O tema de partida era “Corpo, memórias, histórias e movimentos” associado à intenção de acolhimento às crianças e ao resgate das memórias da escola, tema do *Campus Realengo I*.

Os diálogos iniciais apresentaram os primeiros desafios, que seriam de ordem organizacional, pois as crianças demonstravam muita curiosidade e ansiedade sobre como seriam as aulas de Educação Física naquele formato. Então, em um primeiro momento, fizemos alguns combinados sobre como seriam nossos encontros síncronos e como eles deveriam se preparar para a aula. Organizar seu espaço, manter o aparelho fixo, vestimenta, respeito à vez de fala (organizada pela ferramenta do *Google Meet*) e cuidado com o corpo e espaço foram alguns de nossos combinados para os encontros síncronos.

Após as conversas, fechávamos os combinados, buscávamos resgatar as memórias e saberes anteriores das crianças, o que elas experimentaram em relação às práticas corporais em casa durante o momento mais crítico da pandemia, quais eram suas lembranças da escola, das aulas de Educação Física e quais eram seus interesses pessoais, seus gostos e preferências. A partir da fala e do registro escrito, através de atividades assíncronas na plataforma, percebemos que jogos e brincadeiras foram as principais lembranças apontadas pelas crianças e, junto com elas, selecionamos o nosso primeiro tema.



As estratégias utilizadas eram organizadas dentro de uma rotina combinada com as crianças. Durante nosso mapeamento, foi relatado o cuidado com o corpo, cuidados de higiene, considerando, principalmente, o Coronavírus, além de aspectos relacionados à saúde, ao prazer e ao bem-estar. Neste sentido, no início de nossas aulas, havia um momento de conversa, em que os alunos podiam falar sobre sua semana, seus animais, seus familiares e acontecimentos em geral. Em seguida, com o auxílio de música (potente estímulo), fazíamos o “alongamento dos bichos” e um pequeno aquecimento dinâmico, com movimentos livres e sugeridos por eles.

Após a rotina inicial, abordávamos o tema da aula. Nos diálogos iniciais, quando escolhemos o tema jogos e brincadeiras, as crianças listaram e perceberam que muitas brincadeiras que elas conheciam eram realizadas nas aulas de Educação Física. Buscando uma aproximação em relação às experiências das crianças com seus familiares, pedimos que elas entrevistassem e conhecessem quais eram as brincadeiras que seus pais realizavam na infância e se essas se aproximavam de suas experiências. Esse momento gerou muitos desdobramentos para o desenvolvimento das aulas seguintes.

As aulas seguiam a relação diálogo – produção/construção – prática. A aula seguinte era fruto dos desdobramentos das aulas anteriores e da participação e produção dos alunos nos encontros assíncronos. Essa forma de construção, permitiu-nos um diálogo com diversos temas e com as múltiplas corporeidades dos alunos. As tarefas assíncronas eram construídas como um aprofundamento da aula vivenciada e a introdução para a aula seguinte.

Dando continuidade ao tema de jogos e brincadeiras, após a comparação com a vivência dos familiares, algumas crianças perguntaram sobre a origem de algumas brincadeiras que elas conheciam. Utilizando a pesquisa de brincadeiras brasileiras como uma atividade assíncrona e como resultado da pesquisa das crianças, chegamos a uma variedade de brincadeiras indígenas e africanas. Foi uma surpresa para algumas crianças encontrar o cabo de guerra e a peteca como brincadeiras da cultura dos povos originários.

Exploramos o conteúdo através de imagens e vídeos de algumas brincadeiras e fizemos a sugestão de experimentá-las em casa. Nas conversas dos encontros

síncronos e em algumas devolutivas dos encontros assíncronos, as falas das crianças traziam experiências alegres e prazerosas sobre as práticas corporais. Outra ferramenta pedagógica utilizada, além dos vídeos e imagens, foi a produção de brinquedos e materiais. (Figuras 7 e 8)

Essa estratégia (construir o “boneco do corpo”) nos permitiu discutir e debater aspectos relacionados ao corpo, desde aspectos emocionais até elementos biológicos e fisiológicos. Conversamos sobre as sensações antes de começar a aula e, após fazer as atividades práticas, utilizamos *emojis* para reproduzir suas emoções naquele dia/semana e pesquisamos sobre as estruturas e funções dos diferentes componentes do corpo.

Figuras 7 e 8: Bonecos produzidos com materiais recicláveis pelas crianças do 3º ano



Fonte: Arquivo pessoal dos/as autores/as (imagens anexadas à plataforma de trabalho).

O encontro síncrono nos possibilitou conhecer o corpo que fala, sente, brinca e se comunica. Através das câmeras, pudemos reconhecer gestos e significados de alguns movimentos, vivenciamos brincadeiras em que usamos apenas algumas partes do corpo e percebemos o corpo e suas representações. Falar com o corpo através da mímica, representar algum gesto através da estátua, utilizar as mãos para se comunicar foram algumas das vivências experimentadas nos encontros síncronos.

As experiências trazidas neste relato buscam apresentar algumas propostas e desafios do ensino remoto. O diálogo e a participação dos alunos é um aspecto

SILVA, Cíntia Assis Ricardo da; BILITÁRIO, Luciana Antunes; HOLANDA, Francisco Dionleno Rodrigues.

muito importante dentro do planejamento. Avaliar a cada encontro, discutir estratégias e procurar caminhos para que os conteúdos possam ser discutidos de forma clara, são elementos-base do processo. Vários são os desafios para uma Educação Física remota, mas um trabalho realizado em conjunto e que busque atender as especificidades de cada espaço podem contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem.

VOZES, PERGUNTAS E ESCOLHAS: O LUGAR DA EDUCAÇÃO FÍSICA NO QUARTO E QUINTO ANOS

O apanhador de desperdícios

“Uso a palavra para compor meus silêncios.

Não gosto das palavras

fatigadas de informar.

Dou mais respeito

às que vivem de barriga no chão

tipo água pedra sapo.

Entendo bem o sotaque das águas

Dou respeito às coisas desimportantes

e aos seres desimportantes.

Prezo insetos mais que aviões.

Prezo a velocidade

das tartarugas mais que a dos mísseis.

Tenho em mim um atraso de nascença.

Eu fui aparelhado

Para gostar de passarinhos.

Tenho abundância de ser feliz por isso.

Meu quintal é maior do que o mundo.

Sou um apanhador de desperdícios

Amo os restos

Como as boas moscas.

*Queria que a minha voz tivesse um formato
de canto.*

Porque eu não sou da informática:

eu sou da invencionática.

Só uso a palavra para compor meus silêncios.”

(Manoel de Barros)

Escrever este relato é, de certo modo, dar materialidade aos afetos, às angústias, aos desafios e às possibilidades que o trabalho remoto despertou. Recebemos e incorporamos essa poesia de Manoel de Barros como um convite, uma provocação para pensar a docência com crianças nesse momento histórico pandêmico. Todo o trabalho docente neste período trouxe à tona a necessidade de reinvenção, de compor caminhos nunca trilhados, e que exigiram o mergulho na “invencionática”.

As aulas de Educação Física para os anos iniciais têm como características a ludicidade, a aprendizagem a partir das relações estabelecidas que, em grande parte, dão-se atravessadas pela cultura corporal manifestada, vivenciada por práticas corporais no cotidiano da escola, em encontros nos quais a presença das múltiplas corporeidades dava o tom.

Para compor outros modos de encontros foi fundamental o mergulho na “informática” e em muitos outros artefatos culturais que pudessem nos aproximar dos saberes e fazeres cotidianos sem a nossa presença física habitual, como era no modo presencial, porém estando presentes virtualmente. Nesse sentido, estar em equipe, compor um coletivo, foi primordial para tatear o caminho e fazer escolhas que pudessem dar conta, da melhor forma possível, de atender aos princípios democráticos que fundamentam o trabalho docente.

Destacaremos, neste momento da escrita, o trabalho com turmas de quarto e quinto ano. O trabalho da Educação Física com esses anos escolares tem muitos movimentos que são encaminhados através de projetos, tanto da turma, quanto de grupos, e também individuais. Esses projetos, no modo presencial, começavam nas aulas, a partir dos debates e da construção do planejamento participativo, e estendiam-se pelo recreio, pela hora da saída. Nesse período remoto, muitos obstáculos nos obrigaram a pensar, com as crianças, outras possibilidades de projetos.

Importante ressaltar que nesse momento histórico pandêmico, as desigualdades sociais e suas capilaridades assolaram nossas vidas, de maneiras diversas e muito perversas. No cronograma, os encontros síncronos eram quinzenais, e toda semana havia as atividades assíncronas, que eram inseridas na plataforma Moodle, oficializada pela instituição.



A participação nas atividades síncronas e a realização e envio das atividades assíncronas dependiam de fatores específicos, como aparelho (telefone celular, computador, tablet), acesso à internet e apoio para organizar a rotina da criança e auxiliar no encaminhamento das atividades. Desses três fatores, o equipamento e a internet foram tratados nas instâncias consultivas e deliberativas da instituição, o que gerou uma política pública de auxílio digital para os/as estudantes que comprovassem critérios para essa aquisição. Muitos estudantes foram atendidos, porém, o abismo de desigualdades continuava presente, pois não foi possível resolver todas as precariedades. Havia crianças que residiam em locais nos quais o acesso à internet era muito complexo, por questões relacionadas à segurança pública, por exemplo.

O apoio à realização e ao envio das atividades foi feito desde o início, com reuniões com responsáveis das crianças, ações específicas como vídeos com tutoriais, e nos encontros síncronos, pois sempre destinávamos tempo para tirar dúvidas e “fazer junto”, na busca de superar as dificuldades.

Algumas atividades eram propostas no fórum do Moodle, porém percebemos, pelos relatos das crianças, que essa parte assíncrona poderia ser interativa e que poderia ficar visível para que eles acessassem sempre que quisessem. Uma aposta que fizemos foi o uso do *Padlet*, que oportunizou a inserção dos projetos da turma e de atividades de interesse das crianças.

Não há como não abordar a questão do “tempo escolar” e seus arranjos, como cronogramas, calendários, momentos destinados à realização das atividades assíncronas e os encontros síncronos nesses tempos de pandemia. Os encontros síncronos eram baseados a partir de estudos que levam em conta alguns princípios, sendo um deles o tempo de exposição à tela. No caso da Educação Física, o tempo era de 40 minutos quinzenais. As atividades assíncronas também tinham seu tempo de realização correspondente aos 40 minutos. Nos encontros síncronos, as crianças queriam muito contar suas histórias, falar as novidades, interesses, e o tempo era sempre um balizador. No nosso projeto de Educação Física, as vozes das crianças constituem uma marca, pois na perspectiva democrática, o diálogo, a escuta atenta, o debate e as problematizações são princípios fundamentais.

O nosso projeto “Corpo: memórias, histórias e movimentos” trouxe a possibilidade e a potência do trabalho com narrativas orais e escritas. Em um trabalho proposto, cujo objetivo era mapear as práticas corporais presentes nas famílias, nos lugares em que habitam ou habitaram, muitas crianças trouxeram nas narrativas o exercício do encontro com as memórias dos pais, avós, e de como houve aproximação e afetos a partir das brincadeiras, jogos e brinquedos que atravessaram as vidas desses adultos da família e que, atualmente, fazem sentido para as crianças.

Ao problematizar as brincadeiras pelo mundo, as crianças entrevistaram seus familiares, buscaram algum parente que nasceu em outro país e trouxeram muitas brincadeiras, jogos e brinquedos que não conheciam. Foi possível realizar algumas práticas corporais, e ficou evidente o entusiasmo das crianças em perceber que os familiares trouxeram muitas memórias do brincar, de suas relações com a cultura local, com amigos/as que tinham, com os modos de brincar.

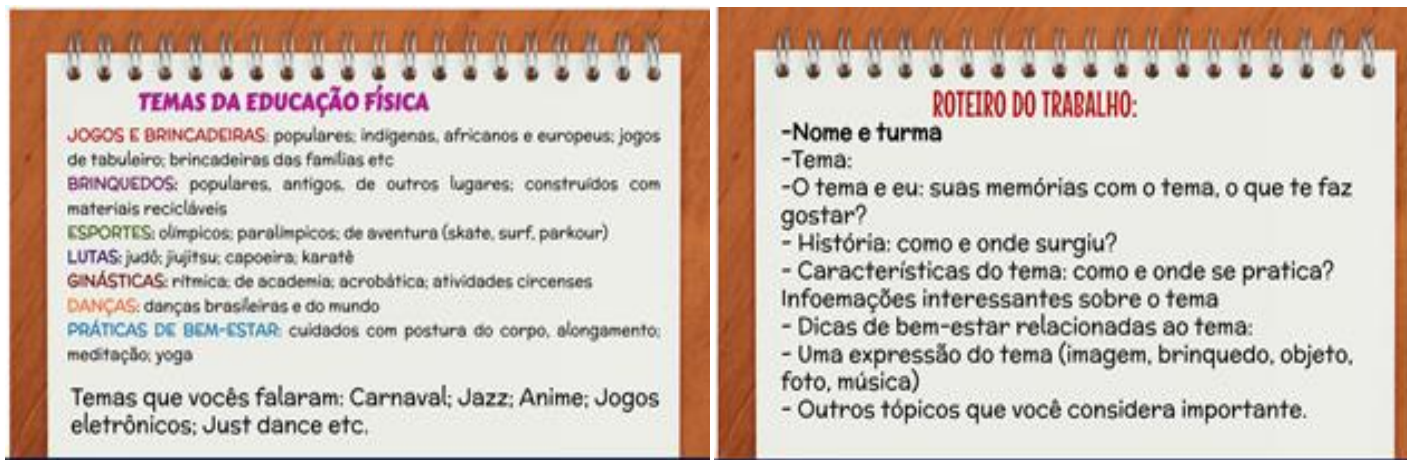
O último destaque vai para uma atividade que foi sugerida por uma aluna: que cada um/a fizesse(m) um trabalho sobre o que quisesse, que fosse do seu interesse, como o carnaval, no caso dela. A sugestão foi acolhida pela turma e vieram algumas provocações: “O que o carnaval tem a ver com Educação Física?” “Posso fazer sobre anime?” “Eu quero fazer sobre lutas, mas como eu vou tirar foto para o trabalho se não tem como lutar de verdade, pois não estou saindo para a academia?”

Essas muitas vozes e perguntas eram frequentes nas aulas, pois nosso projeto e a prática docente que afirmamos, dialoga bastante com a pedagogia da pergunta, pois “o valor não está tanto nas respostas, porque as respostas são sem dúvida provisórias, como as perguntas [...]” (FREIRE; FAUNDEZ, 2017, p. 74).

Após muitos debates, decidimos que o trabalho precisava dialogar com os temas da Educação Física, que foram trabalhados no decorrer do período letivo: jogos, brinquedos e brincadeiras; lutas, esportes, atividades rítmicas e expressivas; ginásticas etc., e que precisávamos fazer um roteiro do que considerávamos importante que o outro (leitor) soubesse sobre o assunto.



Figuras 9 e 10: Exemplos de atividades propostas para pesquisas no 5º ano



Fonte: Arquivo pessoal

Figuras 11,12 e 13: Registros de recortes de atividades realizadas pelo/as estudantes do 5º ano

Figura 11

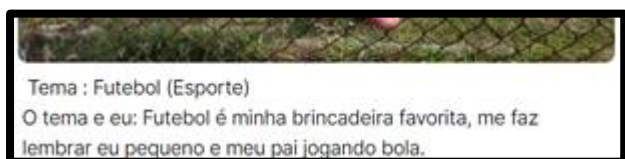


Figura 12

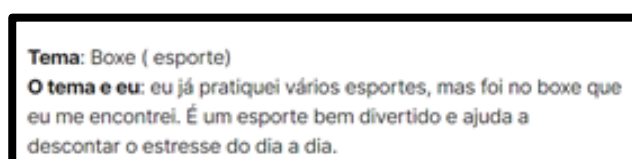
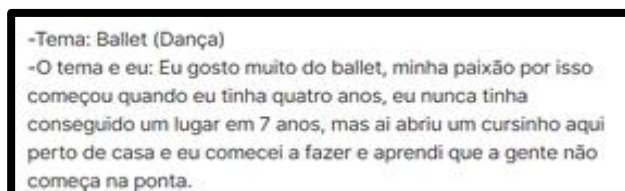


Figura 13



Fontes: Arquivo pessoal

Destacamos os breves trechos acima, pois fazem parte das narrativas das crianças, e foram “disparadores” de rodas de conversa acerca de assuntos diversos, como memórias de tempos em que eram mais novos, os objetivos de uma luta, estresse na infância e na adolescência, os sonhos e os interesses. As rodas de conversa, feitas nos encontros síncronos, geraram muitos debates e aproximações

entre as crianças, pois escutar a si e ao outro implica encontro, que em uma perspectiva democrática é sempre baseado no diálogo.

O trabalho docente pautado pelas condicionantes impostas pela pandemia trouxe à tona a importância de organização do tempo para a escuta das muitas vozes das crianças, seus interesses, seus saberes advindos das memórias.

Era preciso sempre contextualizar e reelaborar, a cada aula, o que tínhamos em mãos. Nesse sentido, tínhamos um encontro com tempo de 40 minutos, e abríamos as salas 10 minutos antes. Esse tempo antes de a aula começar era destinado à chegada, ao preenchimento de lista de presença, à verificação e aos ajustes de microfones e câmeras, porém tornou-se um momento de conversa, de aproximação, de afetos. As crianças começaram a chegar logo no início e diziam que era a “hora das histórias”, e podiam falar sobre tudo antes de a aula começar. Em um desses momentos, as crianças começaram a conversar sobre um brinquedo chamado *Pop it*, dizendo que era um brinquedo para acabar com o estresse.

Logo, outras crianças disseram que era como o plástico bolha, só que agora não vai para o lixo e tem vários formatos (coração, animais, nuvem etc.). Surgiu, além do brinquedo, um debate acerca do que é estresse, e muitas crianças relataram que estavam com dificuldades para dormir, que estavam ansiosas pela situação. Essas conversas fizeram surgir a necessidade de incorporarmos as “dicas de bem-estar” nas postagens, com sugestões das crianças, e algumas possibilidades de minimizar a precarização dos corpos, como alongamentos, relaxamentos, técnicas respiratórias etc.

Consideramos esses movimentos como temas emergentes, presentes nos encontros de Educação Física. Tais temas oportunizaram reflexões sérias a respeito das vozes infantis no cotidiano escolar, pois

Uma política de infância na escola seria não dar voz às crianças, fazê-las falar com a nossa voz, mas darmos ouvidos àquilo que elas estão dizendo. As crianças, nas escolas, estão sofrendo os jogos de poder que jogamos com elas, mas também jogando, estão fazendo seus próprios jogos, queiramos ou não vê-los e ouvi-los. Na maioria das vezes, preferimos não ouvir, para não ver ruir o castelo de cartas de nossas instituições; mas as falas ali estão, ressoando e ressoando [...] (GALLO, 2010, p. 120).



Ao refletirmos acerca das vozes das infâncias nessas atividades remotas, destacamos que o objetivo maior é a participação das crianças nos processos escolares, oportunizando que debatam, que apresentem o que já sabem e os seus interesses, pois queremos que o “jogo democrático” seja jogado desde sempre, da organização das atividades até as combinações para os encaminhamentos de todas as situações que chegam até esse cotidiano inventado.

CONSIDERAÇÕES PROVISÓRIAS

Nossos relatos trazem à baila a “dor e a delícia” da docência, que busca caminhos e pistas com as crianças e não sobre elas mesmas. Em cada experiência, em cada momento de interação nas atividades síncronas, foi possível afirmar a importância do diálogo, da escuta atenta e de muitos outros princípios que constituem uma educação democrática, como o debate, a comunicação, a horizontalização das relações, a solidariedade.

O nosso texto traz algumas pistas e relatos que materializam o trabalho realizado no Colégio Pedro II, *Campus Realengo I*, com turmas do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental e nos permitiu pensar e repensar a nossa prática. As estratégias utilizadas, as trocas, o diálogo, as vivências, evidenciaram a importância do acolhimento e do olhar para o outro durante o processo de aprendizagem.

Os diferentes contextos, nos quais as crianças estavam inseridas, e as dificuldades materiais e físicas trouxeram à tona também as desigualdades de acesso e a complexidade de implantação de um ensino remoto presente em debates atuais. Os sentimentos, as falas e as expressões das crianças salientaram a importância do trabalho que é realizado no “chão da quadra” e quanto são marcantes as aulas da escola.

Voltemos ao poema de Manoel de Barros para afirmar que cada um/a de nós, docentes e crianças, nasceu, como ele, aparelhado/a “para gostar de passarinhos” e consideramos que as aulas de Educação Física, não só no modo presencial, mas também com os arranjos do remoto emergencial, têm sido nosso quintal, que “é maior do que o mundo”. Esse quintal é onde habita a conversa, o lúdico, a

ampliação de saberes, os afetos, o cuidado consigo e com o outro e as perguntas que nunca querem calar, ao contrário, trazem outras perguntas.

REFERÊNCIAS

BARROS, M. Memórias Inventadas: **O apanhador de desperdícios**. Rio de Janeiro: Alfabeta, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Colégio Pedro II. **Projeto Político Pedagógico Institucional**. Rio de Janeiro: Colégio Pedro II. Disponível em <http://www.cp2.g12.br/images/comunicacao/2018/JUL/PPPI%20NOVO.pdf>. Acesso em: 14/09/2021.

FREIRE, Paulo; **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** – 46ª ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. **Por uma pedagogia da pergunta**. 8ª ed. - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

GALLO, Silvio. Infância e poder: algumas interrogações à escola. In: KOHAN, W. (Org.). **Devir criança da Filosofia: infância e educação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

_____. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. In: **Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos**. Rio de Janeiro: Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Educação, 2008.

GERALDI, João Wanderley. Bakhtin Tudo ou nada diz aos educadores: os educadores podem dizer muito com Bakhtin. In: FREITAS, Maria Teresa de Assunção (Org.). **Educação, arte e vida em Bakhtin**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliar para promover: as setas do caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2008.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. WMF Martins Fontes, 2013.

KOHAN, Walter Omar. A infância da educação: o conceito devir-criança. In: W. O. KOHAN (ed.), **Lugares da infância: filosofia**. Rio de Janeiro, DP&A, p. 51-67, 2004.

RANCIÈRE, Jacques. **O Mestre Ignorante**. Tradução: Lilian do Valle. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

